

**COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Juliana Santos Pereira

**POR UMA ARTE-EDUCAÇÃO NECESSÁRIA**

Rio de Janeiro  
2024



Juliana Santos Pereira

## **POR UMA ARTE-EDUCAÇÃO NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a) Professor(a) Ma. Maria Lia  
Gauterio Conde Pinto

Rio de Janeiro  
2022

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

P436 Pereira, Juliana Santos

Por uma Arte-Educação necessária / Juliana Santos Pereira. – Rio de Janeiro, 2024.

17 f.

Artigo científico apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Maria Lia Gauterio Conde Pinto.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Arte e educação. 3. Liberdade e arte. 4. Vida e arte. 5. Professores de arte. I. Pinto, Maria Lia Gauterio Conde. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Juliana Santos Pereira

## **POR UMA ARTE-EDUCAÇÃO NECESSÁRIA**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: 13/03/2024.

Banca Examinadora:

---

Profª M<sup>a</sup>. Maria Lia Gauterio Conde Pinto (Orientador)  
SFEAV - DAV - Colégio Pedro II

---

Prof Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues  
SFEAV - DAV - Colégio Pedro II

---

Profª. Dr<sup>a</sup>. Camila Nagem Marques Vieira  
DAV - Colégio Pedro II

## POR UMA ARTE-EDUCAÇÃO NECESSÁRIA

Juliana Santos Pereira

**Resumo:** Percebemos uma desqualificação sem fundamento da atuação da/o professora/professor de Artes Visuais nas escolas, sendo esta disciplina por vezes considerada inútil em comparação com as demais. Enquanto que do outro lado estão as/os professoras/es de Artes Visuais tentando exaustivamente legitimar sua atuação na educação formal. Este artigo primeiramente se propõe a fazer uma distinção entre o que seria uma educação útil e o que seria uma educação necessária no contexto em que estamos inseridos. A partir dessa distinção, podemos abrir caminhos para assumir a nossa inutilidade — que não é só nossa — radicalizar esse lugar e assim usufruir de toda liberdade, que é inclusive a razão de ser da atuação do próprio artista no mundo. Logo, poderemos gerar uma reflexão sobre uma atuação menos engessada e que possa proporcionar uma maior fluidez e liberdade, tanto nas propostas trazidas pelas/os professoras/es, quanto na própria vivência dessas propostas pelas/os estudantes.

**Palavras-chave:** arte-educação; ensino da arte; liberdade; necessidade da arte; arte e vida

## FOR A NECESSARY ART EDUCATION

Juliana Santos Pereira

**Abstract:** We can notice an unfounded disqualification of the acting of the Visual Arts teacher in schools, with this discipline sometimes being considered useless in comparison to the others. While on the other side there are Visual Arts teachers trying exhaustively to legitimize their acting in formal education. This article first proposes to make a distinction between what would be a useful education and what would be a necessary education in the context in which we operate. From this distinction, we can open paths for the assumption of all our uselessness — which is not only ours — and radicalize this place and thus enjoy all freedom, which is even the reason for the artist's own work in the world. Therefore, we will be able to generate a reflection on a less rigid performance that can provide greater fluidity in freedom, both in the proposals brought by the teachers, and in the actual experience of these proposals by the students.

**Keywords:** art education; art teaching; freedom; need of art; art and life

## 1 INTRODUÇÃO

*O mundo possível que a gente pode compartilhar não tem que ser um inferno, ele pode ser bom.”*  
*Ailton Krenak*

Primeiramente, gostaria de localizar o leitor a respeito do teor deste artigo. Sendo apresentado como etapa necessária para a conclusão de Curso de Especialização, trago aqui algumas reflexões provocadas ao longo do curso, por parte das disciplinas ministradas por docentes diversos em seus pontos de vista. Sendo o foco dessa formação o ensino das Artes Visuais, ao decorrer do programa me coloquei a refletir sobre quais contribuições as aulas de Artes Visuais na educação básica poderiam agregar na formação das/os educandas/os para que possuam um repertório sólido a fim tornarem-se indivíduos emancipados e desenvolverem habilidades como autonomia, autoestima, responsabilidade nas suas escolhas, bom uso da liberdade, pensamento crítico, boa leitura da realidade, além da criatividade e senso estético. Desde modo, este artigo nasce da necessidade de externar essas reflexões assumindo um formato ensaístico, que não se encerra em si mesmo, pelo contrário, possui o propósito de suscitar questões sobre o que queremos do ensino das Artes Visuais na escola e refletir sobre o nosso próprio ofício. Dessa forma, neste texto incipiente de uma “recém-professora”, assumo as dúvidas e a desorganização interna como metodologia investigativa e propositiva.

Dito isto, peço licença para iniciar esta escrita propondo um exercício de imaginação. Desde criança vejo nos noticiários os cientistas alertando sobre os efeitos da poluição e sugerindo que algo começasse a ser feito para reverter os estragos causados ao meio ambiente e prevenir grandes desastres naturais provocados pelo desequilíbrio ecológico. Neste momento, nossas vidas vêm sendo cada vez mais afetadas e ameaçadas por um aumento de fenômenos climáticos extremos causados por uma crise ambiental sem precedentes que, segundo as/os cientistas, serão cada vez mais recorrentes se nada começar a ser feito imediatamente para reparar os danos ambientais causados até aqui. Tendo em vista que nada realmente tem sido feito, somos levados a acreditar que a vida humana pode deixar de existir neste planeta em um curto prazo de tempo<sup>1</sup>. Supondo que essa hipótese se confirme e a vida humana na Terra esteja predestinada a acabar, — ou a nossa forma de existir no mundo sofra profundas mudanças a curto prazo — boa parte das/os nossas/os educandas/os não se formariam, não iriam para faculdade, muito menos para o mercado de trabalho. Nesse cenário, faria algum sentido que as/os estudantes continuassem frequentando as escolas da forma como elas existem hoje? A escola se tornaria um lugar totalmente inútil, já que não existiriam cargos profissionais a serem preenchidos no futuro? Ou, ao contrário, seria a escola um ambiente profundamente necessário, principalmente em um momento como esse? A escola não deveria estar mais interessada na vida e preocupada com a qualidade das vivências das/os educandas/os? Dentro da sua área de conhecimento, enquanto professora/professor, como sua disciplina dialoga com as necessidades que as/os estudantes possuem neste momento? Ou permanece indiferente, paralisada diante da possibilidade do fim? Greta Thunberg, uma jovem ativista sueca, hoje com 20 anos, iniciou em 2018 uma greve escolar pelo clima, para exigir que as autoridades ao redor do mundo fizessem algo efetivo para reduzir os danos da crise climática, a fim de que sua geração tenha direito a um futuro, pois para ela, existiam questões mais urgentes do que se formar no Ensino Médio. Muitas vezes nos pegamos fazendo o tal

---

<sup>1</sup> "Fenômenos climáticos extremos estão se tornando cada vez mais frequentes", diz meteorologista do Cemaden. Disponível em: <[https://cultura.uol.com.br/noticias/56971\\_fenomenos-extremos-estao-se-tornando-cada-vez-mais-frequentes-diz-meteorologista-do-cemaden.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/56971_fenomenos-extremos-estao-se-tornando-cada-vez-mais-frequentes-diz-meteorologista-do-cemaden.html)>. Acesso em 18 fev. 2024.

discurso de que as/os jovens devem estudar para ter um futuro, mas a verdade é que o futuro não existe, o que existe é perspectiva de futuro, uma ideia, mas a única coisa que temos de fato é o momento presente.

Em uma aula que compartilhei com uma turma do 1º ano do Ensino Médio, onde o conteúdo curricular é Arte Contemporânea, estávamos vendo juntos algumas imagens e vídeos da obra “Spiral Jetty” (1970) do artista Robert Smithson, uma Land Art, uma construção em espiral gigantesca instalada às margens do Great Salt Lake em Utah (EUA) que fica sujeita ao nível das marés. Passa longos períodos submersa e, quando a maré baixa, pode ser vista e visitada. Naquele momento, enquanto refletíamos sobre o que a obra nos transmitia, fiz um comentário sobre a crise climática e os níveis das águas que estão subindo cada vez mais, enquanto a temperatura do planeta aumenta em escalas alarmantes, derretendo as geleiras, e que talvez um dia essa obra fique submersa para sempre. A partir daí a conversa evoluiu para “o fim da aventura humana na Terra”<sup>2</sup>. Em meio ao pequeno desespero que aos poucos foi tomando conta da turma de estudantes ainda muito jovens, uma aluna lançou a seguinte reflexão: “Ô professora, então a gente tem que parar de vir para a escola! Por que a gente vai continuar estudando se o mundo vai acabar mesmo?” Este é um exemplo de que, para o senso comum, a função da escola é preparar para o futuro, se não haverá futuro, para que escola?

**Figura 1 - Spiral Jetty. Great Salt Lake, Utah**



Fonte: Robert Smithson, 1970

De acordo com as cosmovisões — que são as formas de ver e entender o mundo segundo sua própria subjetividade — de Antônio Bispo dos Santos, também conhecido como

---

<sup>2</sup> Trecho da música “Minha Pequena Eva”. Originalmente intitulada “Eva” e composta pelo italiano Umberto Tozzi em 1982. A versão brasileira foi feita por uma banda chamada Rádio Táxi em 1983 e ganhou notoriedade por volta de 1997 quando passou a ser tocada pela Banda Eva. Letra completa disponível em: Acesso em 06 fev. 2024.

Nêgo Bispo, intelectual, escritor e ativista nascido no Quilombo Saco Curtume e Ailton Krenak, intelectual, escritor e ativista do movimento social e de defesa dos direitos indígenas, nascido no vale do rio Doce, nossas vidas não são e nem podem ser úteis, e sim necessárias, pois o senso de utilidade está ligado à lógica do capital, onde tudo o que é útil, poderá ser descartado quando deixar de ser. O modelo de educação que temos hoje, e que sobrevive há séculos — mesmo depois de tanta coisa no mundo já ter mudado — é um modelo que visa produzir mão de obra, vidas úteis para manter a roda do capital girando, e não o desenvolvimento de pessoas livres, autônomas e necessárias para o desenvolvimento de suas comunidades. Este modelo de educação faz com que, muitas vezes, sem nem nos darmos conta, estejamos preparando nossas/os educandas/os para receber ordens hipotéticas, de um chefe hipotético, em um ambiente de trabalho hipotético, em um futuro hipotético e deixando de aproveitar a oportunidade de prepará-los para se relacionar com pessoas e seres reais que já existem em um mundo real, e que estão por toda parte, inclusive nas escolas. Diante da suposta possibilidade de fim, nunca fez tão pouco sentido educar para que essas/es jovens sejam “alguém na vida”, até porque todas/os elas/es já são alguém em seus próprios contextos.

## **2 A ESCOLA É UM PEDAÇO DE MUNDO**

Nos últimos dias letivos do ano de 2023, uma imagem me chamou atenção no Campus Realengo do Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde comecei a atuar como professora recentemente. Bem em frente a cantina, um desenho feito sobre um tecido branco, produzido por uma turma de 1º ano do Ensino Médio, em uma aula de Artes Visuais regida pela professora Renata Dargains, mostrava pessoas em uma escola, neste caso, uma escola específica, o próprio Colégio Pedro II, a escola onde estão boa parte de suas vivências, experiências e memórias. A disposição dos rostos lembra a obra “Operários” (1933) de Tarsila do Amaral, com rostos que escalam uns sobre os outros. Mas o que me chamou mais atenção não foi exatamente a disposição desses rostos e sim seus semblantes, todos tristes, lamentosos, melancólicos, infelizes, ou agoniados, o que me fez levar um tempo olhando vagarosamente, um a um, tentando encontrar qualquer fisionomia mais relaxada, sem sucesso, pois até o que poderia parecer um sorriso, estava mais próximo de um ranger de dentes. A faixa de tecido estava amarrada por cordas nas duas pontas superiores, mas aquela imagem, aquele retrato da escola era tão pesado que parecia que as cordas iam se romper a qualquer momento.

**Figura 2 - Trabalho realizado por turma de 1º ano do E.M. no Campus Realengo do Colégio Pedro II**



Fonte: Turma 1107 com orientação da professora Renata Dargains, 2023

**Figura 3 - Operários**



Fonte: Tarsila do Amaral, 1933

Em um vídeo publicado pela filósofa Viviane Mosé<sup>3</sup> nas redes sociais onde ela trata da violência nas escolas após um trágico atentado ocorrido dentro de uma instituição de ensino que culminou na morte de uma professora — um problema cada vez mais recorrente que tem nos deixado todos reféns. Neste vídeo, Mosé destaca o fato de que “o ser humano está em crise”, portanto, seria inútil, ou melhor, ineficaz, se utilizar de “valores humanos” para tentar transformar uma civilização em crise, já que foram estes valores ditos humanos que nos trouxeram até este trágico momento. Tendo em vista que essa crise foi provocada pelos humanos, e que a escola é uma pequena fração desta civilização, todos os problemas civilizatórios terão seu reflexo também no ambiente escolar. Um dos problemas ressaltados por ela é o que a autora chama de “guerra da informação”, referindo-se à imensa quantidade de informações — muitas delas falsas — disponíveis na internet, podendo ser acessadas facilmente por qualquer pessoa — adulto, jovem ou criança. A partir desse raciocínio, a filósofa faz a seguinte sugestão:

Há a necessidade, já imediata, de vincular as políticas de educação com as políticas de cultura no Brasil. As políticas públicas de cultura e de educação precisam se articular. A gente tem um investimento muito grande em educação comparado com o de cultura. Claro, o sistema educacional e o que ele faz é muito mais amplo do que a ação cultural, por isso o investimento financeiro é muito maior, então é necessário que uma parte do investimento feito hoje em educação seja transferido para ações de cultura e que promovam vida e alegria na escola e fora dela, porque educar não diz respeito só a escola. A gente precisa falar de uma educação social, civilizatória e sem dúvida nenhuma é com a cultura que a gente tem que estar abraçado nesse momento. É preciso resgatar o valor da vida no processo civilizatório, é preciso criar expectativas e perspectivas afirmativas para a civilização, e sem dúvida nenhuma, sempre foi a arte, com sua inventividade, com sua potência de vida que nos lançou adiante. A maior ação política que a gente tem hoje é produzir alegria, para que essa alegria nos dê perspectivas civilizatórias, e a gente tem perspectivas. (Mosé, 2023)

Tanto Nêgo Bispo, um quilombola, quanto Ailton Krenak, um indígena, também discordam desta noção de “valores humanos” problematizada por Viviane Mosé. O conceito de humanidade é um conceito colonial, ocidental, que se coloca não somente fora, como acima dos demais reinos e formas de vida. No antropocentrismo da antiguidade greco-romana, o ser humano passa a ocupar um lugar central, pois é possuidor de razão e esta razão o permite criar coisas belas. Porém, quando chegamos no iluminismo, os iluministas levam a centralidade do ser humano a outro patamar. Após dissociar o que é humano do que não é humano — e nessa dissociação, até mesmo seres humanos, a depender da raça, gênero e sexualidade, são apartados da categoria humano —, os então ditos humanos estariam em situação de superioridade e de poder sobre tudo aquilo (ou todo aquele) que não fosse considerado humano, ou seja, tudo que não fosse homem, branco, hetero-cis-normativo e europeu estaria em posição subalterna de acordo com os valores ocidentais. A partir daí, tudo e todos que estão fora da visão ocidental de “humano”, passam a ser tratadas/os como recursos, criando uma série de desequilíbrios e desigualdades, condenando todas as espécies ao sofrimento.

---

<sup>3</sup> “Sobre o ataque a mais uma escola.” Transcrição de live realizada pela filósofa em sua conta na rede social Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/Cqq0hyhIOYSX/?igsh=MTgyeWk3eXdoZmZsYw==>>. Acesso em: 27 de jan. 2024.

Voltando ao trabalho das/os estudantes de 1º ano do Ensino Médio exposto nas dependências da escola, lê-se “Aprender para ensinar, ensinar para viver. Viver para educar”. Aqui, as/os educandas/os estão referindo-se à natureza do trabalho da/o professora/professor, mão-de-obra indispensável no contexto escolar, que estão também cada vez mais infelizes e adoecidas/os por conta da desvalorização e dos desafios diários do seu ofício. No viaduto que liga a Avenida Marechal Rondon à Mangueira, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, bem próximo da UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), existe uma frase escrita e mantida lá há alguns anos: “SOMOS OS PROFESSORES + BARATOS DO MUNDO”. Essa frase não só foi escrita como passa por manutenção periódica para que a ação do próprio tempo não a apague, isso porque ela continua fazendo sentido mesmo com o passar de vários anos. Apesar disso tudo, existe alguma razão forte o suficiente (acredito que não seja somente por questões de sobrevivência) que nos fez um dia escolher voltar para a escola como educadoras/es. acredito que acabei por me tornar professora porque sempre gostei de ser aluna, gosto até hoje. Não perco uma oportunidade de me sentar para ouvir alguém me ensinar algo que eu ainda não sei, não somente em espaços de educação formal. Mas o fato é que cada vez mais professoras/es estão afastadas/os das escolas por conta de problemas de ordem física ou psicológica, além dos que desistem da profissão<sup>4</sup>. Também é verdade que, cada vez menos estudantes nutrem o desejo de se tornarem professoras/es no futuro, ou seja, se ainda houver futuro, se ainda houver vida neste planeta, se ainda houver escolas e se essas escolas ainda mantiveram o atual modelo secular de educação, teremos um apagão de professoras/es.

Não tenho a pretensão de definir o que cada uma das disciplinas escolares deveriam ou poderiam fazer para auxiliar na solução de problemas tão complexos e urgentes que vêm surgindo no dia a dia das instituições de ensino, mas gostaria de refletir sobre o papel da arte-educação no contexto da educação formal, já que esta tem como foco a valorização da auto-expressão, além de englobar diferentes linguagens artísticas. Na minha curta passagem como professora até aqui, percebo que as/os estudantes possuem uma enorme dificuldade em administrar e lidar com a liberdade. Ou elas/es tendem a pensar que liberdade é poder fazer deliberadamente qualquer coisa, sem medir as possíveis consequências, ou ficam totalmente paralisados diante da possibilidade de desfrutar da liberdade como um recurso para produzir algo significativo para eles próprios. As Artes Visuais, enquanto disciplina curricular, sempre foi subestimada, vista quase sempre como inútil, e é de fato, assim como todas as outras disciplinas passam a ser quando elegemos o momento presente como nosso principal norteador, pois as disciplinas escolares tradicionalmente só possuem alguma utilidade diante da perspectiva de futuro, onde será necessário apresentar um diploma, ou realizar uma prova de seleção.

A arte-educação é de fato inútil, porém necessária enquanto metodologia. O Ensino das Artes na escola já recebeu diversas nomenclaturas, como Educação Artística por exemplo, hoje o mais praticado é Artes Visuais, mas gostaria de tratar aqui de arte-educação de um modo mais amplo e potente. Parafraseando bell hooks, professora, teórica, artista e ativista antirracista estadunidense, autora do livro “Ensinando a Transgredir”, um dos papéis das Artes Visuais, de modo geral, seria justamente pensar maneiras de transgredir o que já está dado, e é por esse motivo que os conservadores temem tanto reconhecer as Artes Visuais como disciplina e tentam desqualificar o Ensino das Artes diante da menor oportunidade. O que motivam esses ataques ao Ensino das Artes é o medo de que, através dela, as pessoas comecem a imaginar outras possibilidades de vida fora do regime de exploração, deste mundo

---

<sup>4</sup> Baixos salários e falta de perspectiva de carreira fazem professores desistirem da profissão, diz pesquisa. Transtornos psicológicos causados pela rotina difícil — e que aumentaram durante a pandemia — também são outros pontos citados. Jornal Hoje. 24 jan 2023. Disponível em: <<https://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2023/01/24/baixos-salarios-e-falta-de-perspectiva-de-carreira-fazem-professores-desistirem-da-profissao-diz-pesquisa.ghtml>>. Acesso em 06 fev. 2024.

que conhecemos e disputar outra ideia de futuro, sem extrativismo, sem jornadas de trabalho exaustivas, através de uma vida mais contemplativa como sugerem Nêgo Bispo e Ailton Krenak em seus livros “A terra dá, a terra quer” e “A vida não é útil” respectivamente.

Na contemporaneidade, tentar definir o que é Arte virou uma questão obsoleta, poderíamos arriscar a definir a Arte e o próprio ensino da Arte como uma experiência estética, o que considero uma forma bem expandida de entendê-la. Balançar numa grande rede, tomar banho de chuveirão, como sugerem o coletivo Opavivará, oferecer pão com ovo para os convidados em uma abertura de exposição como fez o artista rafael amorim, comer e beber o azul, como proporciona a artista Juliana dos Santos, criar e soltar pipas na Praça Mauá com o Coletivo I Love Providência, ou até sentar-se diante da artista sem dizer nada como provocou Marina Abramovic, são todas práticas artísticas que proporcionam experiências estéticas que seriam mais necessárias diante da vida do que o próprio conteúdo estético e historiográfico, principalmente em um mundo colapsado e cheios de incertezas. Não quero desmerecer aqui a importância de conhecer a História da Arte, pois é sempre bom conhecer os códigos, principalmente aqueles que estão ligados à manutenção de um poder hegemônico. A História da Arte elege — através de mecanismos não muito claros — o que merece ser lembrado e, conseqüentemente, o que será desprezado, e ter acesso a esse conhecimento é sempre importante. O que quero pontuar é como esse conteúdo pode ser trabalhado, visto e apreendido e se algo desse vasto conteúdo contribuirá de fato para a formação, e para a vida dessa/e estudante tendo o momento presente como foco. Quantas vezes ao dia nós precisamos ler e interpretar imagens que estão por toda parte? Esse repertório adquirido através de um letramento visual é necessário até para compreender um outdoor, um comercial de TV, um grafite na rua ou uma cena de novela. Esse é o real motivo da tentativa constante de desvalorização do Ensino das Artes, e não por se tratar de uma disciplina que, por vezes, não reprovava ou não segue critérios rígidos de avaliação.

A minha sugestão é que nós, arte-educadores e artistas-educadores, possamos assumir a nossa inutilidade, e com isso nos utilizarmos dessa inutilidade para radicalizar a nossa atuação na educação formal. A Arte abre caminho para imaginar e pensar sobre o impossível. Investir tempo e energia pensando sobre coisas imaginárias e impossíveis pode não ser considerado algo útil, porém necessário pois, se não abrirmos espaço para a imaginação, corremos o risco de não evoluir em diversas áreas, por exemplo: um dia alguém imaginou a possibilidade de falar em tempo real com alguém que estivesse a uma longa distância, pois anteriormente, falar com alguém que estivesse em outra região só era possível através de cartas, o que levava um tempo — que poderia ser fatal diante de uma situação de urgência — para que a carta fosse recebida e respondida, e assim surgiu o telefone, tornando o impossível possível. Hoje em dia não só falamos com alguém que está distante através da comunicação por voz, como também podemos ver uma pessoa que está a milhares de quilômetros de distância em tempo real, além de podermos ver e falar com várias pessoas ao mesmo tempo sem estarmos no mesmo espaço, mas até bem pouco tempo atrás, tudo isso era impossível, alguém precisou imaginar primeiro para se tornar possível.

É preciso abrir tempo para a imaginação acontecer no meio de tanto conteúdo. Imaginar é necessário, enquanto boa parte do conteúdo só é útil sob um ponto de vista mercadológico. Segundo o artista-educador e curador pedagógico Luís Camntizer, a educação não deveria ser sobre o que já sabemos, sobre o que já está dado, não deveríamos ensinar as respostas para perguntas que já foram feitas, e sim ensinar a perguntar, ensinar a pensar e construir hipóteses sobre o que ainda não sabemos, sobre o que ainda não tem resposta, e por isso está no campo do impossível. Bem como Paulo Freire, Patrono da Educação Brasileira e um dos pensadores mais relevantes da história da pedagogia mundial, dirá que educação não é transmissão de conhecimento, há de haver um espaço onde o pensamento flui, caso contrário, não estaríamos promovendo formação e sim memorização de uma série de informações que,

mais uma vez, acabam por se tornar inúteis nesse processo e, inclusive, vão sendo esquecidas com o passar do tempo para dar lugar a outras informações.

Vinte anos antes da Lei de Liberdade de Expressão Artística e Cultural — presente no Art 220 da Constituição Federal de 1988 —, a artista-educadora Lygia Pape realizou, em 1968, a obra “Divisor”, que consistia em uma ação experimental de liberdade classificada por como uma “escultura social”, e que ocorreu em plena ditadura militar. Neste período existia uma regra de conduta que proibia que pessoas transitassem nas ruas em grupos com mais de três indivíduos. Neste contexto, a artista promoveu uma experiência transgressora reunindo cem crianças da Favela da Cabeça, localizada no Rio de Janeiro, que caminharam juntas, formando uma passeata pelas ruas da comunidade. Unidas por um imenso tecido branco (30x30m), ao mesmo tempo em que eram cem indivíduos, o tecido branco fez com que esse coletivo de crianças se tornassem visualmente um único corpo, caminhando em sintonia, na mesma direção, no mesmo sentido, no mesmo ritmo.

**Figura 4 - Divisor**



Fonte: Lygia Pape, 1968

Na obra “Escada-Escola” de Carmela Gross, a artista propõe a Arte na educação. Não a Educação Artística, não a arte-educação, não o ensino de Artes Visuais, mas a Arte na educação. A artista constrói uma escada que permite que as crianças possam transpassar as grades da escola para acessar uma outra obra da mesma artista instalada nas proximidades, intitulada “Hino à Bandeira”. Mas por que então as crianças não saíram pelo portão da escola para ir até lá? Por que construir uma escada que permita pular as grades? Talvez a pergunta deveria ser: por que as escolas possuem tantos muros e grades? Michel Foucault vai comparar escolas à prisões em “Vigiar e punir: o nascimento das prisões”, onde dirá que, nas escolas, os corpos dos indivíduos são dispostos de uma determinada forma que favoreça a obtenção de sujeitos cada vez mais submissos. A escada leva a uma ação transgressora em certa medida, pois, em condições normais, é proibido pular as grades da escola. Podemos atribuir à obra, uma intenção simbólica de fugir dessa submissão dos corpos. A obra permite um instante de ruptura com as normas da instituição escolar — obviamente uma ruptura controlada, por se tratarem de crianças pequenas, e ninguém quer que elas se machuquem ou se percam — criando uma experiência estética ligada à sensação de liberdade. A escada inutiliza as grades.

**Figura 5 - Escada-Escola**



Fonte: Carmela Gross, 2016

Nêgo Bispo (2023, p19), vai explicar esse fenômeno ao afirmar que as cidades são *cosmofóbicas*. “A cosmofobia é o medo, é uma doença que não tem cura, apenas imunidade. E qual é a imunização que nos protege da cosmofobia? A contracolonização”. Nêgo Bispo (2023, p.24) fará ainda uma crítica ao modelo educacional normativo: “na cidade, só havia escola escriturada. Não havia outras escolas, escolas de inspiração ou da brincadeira”. Existem hoje algumas iniciativas de escolas em funcionamento, tanto de educação formal quanto de educação não-formal, que decidiram planejar seus currículos em torno de outras razões, criando outros formatos curriculares, como por exemplo, a Escola afro-brasileira Maria Felipa, em Salvador, que em breve terá sede também no Rio de Janeiro; a Escola Quilombista Dandara; a Escola Quilombola Cafundá Astrogilda e etc. No bairro da Gamboa, aqui no Rio de Janeiro existe um projeto proposto inicialmente pela artista-educadora Thelma Vilas-Boas, a fim de ampliar a discussão sobre as formas de atuação do Campo da Arte, chamado Lanchonete <math>\leftrightarrow</math> Lanchonete. O projeto surgiu em 2016, se instalando em 2017 na garagem do “Saracvra”, um espaço de Arte independente que existia no bairro e posteriormente passou a funcionar no “Bar Delas”, um bar administrado por um coletivo de mulheres da região. Em 2019 ganhou uma sede própria próxima ao referido bar. A associação sem fins lucrativos tem por objetivo e principal missão, criar neste território uma ambiência favorável ao desenvolvimento saudável da infância, adolescência e das mulheres desse território. Para isso, a fundadora da instituição conta com o apoio de uma equipe multidisciplinar de voluntários que são convidados a “chegar junto” e contribuir para essa “gira girar”, mantendo os seguinte eixos de atuação: Escola Por Vir, Cozinha EcoAfroAfetiva, Atenção às mulheres do território, Moradia Comum, Atenção Psicossocial e a Rádio. Para comentar essa iniciativa, que tem como eixo principal uma outra possibilidade de atuação em educação, que opera a partir do necessário para essa comunidade, e não sobre o senso colonial de utilidade. Comentaremos aqui apenas dois desses eixos, necessários para fundamentar o

pensamento que estamos construindo a partir desta escrita. São eles: a Cozinha EcoAfroAfetiva e a Escola Por Vir.

Ao receber, principalmente, crianças no contraturno das Escolas Municipais da região, que não tinham um ambiente estimulante para passar o resto do dia enquanto seus pais trabalhavam, o projeto começou a construir seu vínculo com a comunidade através da *comensalidade*, já que a primeira demanda das crianças quando chegam é “matar a fome”.

Admitindo o estômago e o "gesto de se sentar em volta da mesa em festa" como o dispositivo que aproxima diferentes e diferenças, com um layout de lanchonete tão conhecido por toda gente e que não requer nenhum conhecimento a priori para sua ativação, as urgências e demandas elencadas através dos corpos dos participantes revelaram o seu devir, experimentando um modo próprio de funcionamento, gestão, regras, agenda e festa.<sup>5</sup>

A atuação da Cozinha EcoAfroAfetiva<sup>6</sup> vai além de produzir e servir as refeições. É um espaço educativo potente e urgente onde as crianças e adolescentes têm a oportunidade de participar ativamente da construção do cardápio e do preparo das refeições, reconhecendo os alimentos, executando as funções de forma orientada, que as desenvolvem cognitivamente, motora e socialmente, como higienizar as mãos, os alimentos e o espaço, descascar, cortar e preparar o que será servido nas refeições. O momento das refeições são também momentos onde se compartilham vivências, além da comida. É onde as pessoas têm a oportunidade de falar sobre o seu dia, sua história, seus aprendizados e ensinamentos, é o momento da tão evocada socialização, tão utilizada para justificar a existência do espaço escolar tradicional. É o momento também de celebrar. Vemos nas escolas tradicionais algumas festas que compõem o calendário escolar anual, mas vemos pouca celebração de fato.

A Escola Por Vir acredita e tem sua atuação firmada nas práticas do Campo Expandido da Arte. Através da prática diária do respeito, da linguagem não violenta e da gentileza, envolvendo Arte e Cultura como elementos centrais de sua prática educativa. A Escola Por Vir cria a ambiência necessária para que a alegria se manifeste, promovendo vida dentro e fora do galpão onde acontece o projeto. As ações necessárias da vida cotidiana ganham centralidade, como comer, fazer o dever de casa, cuidar da manutenção do espaço, cuidar da saúde física e psicológica, bem como brincar, gingar capoeira, aprender a andar em perna-de-pau, assistir a um espetáculo teatral, andar de bicicleta, tomar banho de mangueira, montar uma piscina improvisada, construir fantasias, sair em procissão em um bloco no período do carnaval ou até criar faixas e cartazes para levar suas reivindicações para os atos políticos que acontecem esporadicamente nas ruas do Centro da Cidade. Essa visão de educação está para a construção de subjetividades e de seres autônomos, assim como o excesso de informações das vastas grades curriculares da educação tradicional secular está para a uniformização dos sujeitos, para uma formação identitária deformada, amputada. Educar tornou-se sinônimo de enquadrar, fazer caber nas quatro linhas da sociedade ordeira e em suposto progresso. Educar deveria significar dar subsídios para que a/o educanda/o seja capaz de se responsabilizar pela sua própria vida e pelas suas próprias escolhas, saber

<sup>5</sup> História da Lanchonete <Lanchonete. Disponível em: <<https://www.lanchonetelanchonete.com/nosso-rolé>>. Acesso em 30 jan. 2024.

<sup>6</sup> **ECO** porque cuida das relações estabelecidas entre os seres vivos e destes com o meio ambiente. **AFRO** porque reconhecemos a riqueza histórica e cultural do patrimônio legado pelas africanas a toda a humanidade. **AFETIVA**, porque confiamos nas lembranças desencadeadas pela percepção sensorial de determinado elemento, um cheiro, uma receita, um objeto. Disponível em: <<https://www.lanchonetelanchonete.com/cozinha-eco-afro-afetiva>>. Acesso em 30 de jan. 2024.

identificar o que as/os interessam e o que as/os não interessam e decidir como viver as suas vidas, que se dão em comunidade, mas são pessoais e intransferíveis.

Voltando para o nosso Ensino das Artes Visuais na educação básica tradicional, acredito que uma solução possível para iniciar uma transformação, que já vem ocorrendo em várias instituições de ensino, seria a divisão dos conteúdos em eixos temáticos, e não em períodos historiográficos, uma metodologia já comprovadamente ultrapassada. A discussão sobre a ilusão da linearidade histórica já está dada, portanto acredito ser desnecessário discutir essa questão neste trabalho. Já concluímos que o tempo é espiralar e acredito ser desnecessário retornar a discussões já consolidadas. Dito isto, a divisão em eixos temáticos permite que possamos trabalhar com obras de diversos tempos históricos, trazendo assim discussões e problematizações necessárias para a formação da/o estudante, construindo um repertório atualizado e processos que fortalecem as experiências estéticas e contemplativas, favorecendo a aproximação entre a arte e a vida.

Mantendo em mente a ideia de uma educação necessária, é urgente uma revisão na quantidade e na qualidade do conteúdo que é administrado nas aulas de Artes Visuais durante o ano letivo e o cuidado para que as aulas sobre determinados temas, períodos históricos ou movimentos artísticos, problemáticos, já que o campo da arte também se desenvolve na esteira da construção ocidental de sociedade, não se tornem tendenciosos. A partir da abordagem por eixos temáticos, é possível problematizar questões relevantes ao nosso próprio tempo histórico pontuando o agora sem esquecer o passado e disputar o futuro. Estamos então trabalhando na construção do pensamento crítico dessas/es estudantes e devemos, primeiramente, levar em consideração o lugar e as formas de existir das/os mesmas/os, os seus pontos de partida, seus pontos de vista. O nosso papel não é convencer a/o aluna/o da necessidade da Arte, muito menos da suposta genialidade de um determinado artista, mas oferecer caminhos que a/o possibilite se localizar nesse universo. Segundo a filósofa Viviane Mosé, a violência diz respeito ao excesso de vida não vivida<sup>7</sup>. A arte-educação possui os recursos necessários para canalizar esses excessos e nos lançar à frente — ou para fora — do quadro social desfavorável no qual vivemos.

### 3 CONCLUSÃO

A função da educação é — ou ao menos deveria ser — formar seres autônomos, conscientes do seu papel no constructo social, mas não um papel útil, e sim um papel necessário para o fortalecimento e sobrevivência da(s) sua(s) comunidade(s). As escolas tradicionais tais como funcionam hoje, estão na contramão da função educativa no que diz respeito à emancipação dos sujeitos submetidos à elas durante treze anos de suas vidas. A escola tem sido útil para a uniformização e formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Existem diversas pesquisas que comprovam com dados estatísticos que o salário de um trabalhador depende diretamente da quantidade de anos que uma pessoa se mantém em uma instituição de ensino. Quanto mais anos de estudos, mais valerá sua hora de trabalho, mas todos estaremos sujeitos a gastar boa parte dos nossos dias — em média oito horas por dia, cinco dias na semana — trabalhando para deixar os ricos ainda mais ricos.

Temos visto recentemente as escolas brasileiras tornando-se espaços inseguros através da recorrente manifestação da violência, isso porque o mundo está cada vez mais violento,

---

<sup>7</sup> Desafios contemporâneos - escola, educação, violência. Live realizada no dia 4 de julho de 2023 pela filósofa Viviane Mosé em sua conta do Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/tv/CuSxmQQyDn/?igsh=dmV1N2p0dTA5d3c0>>. Acesso em: 30 de jan. 2024.

tendo em vista que a ideologia do capital falhou ao passo em que deixou um enorme percentual de seres humanos de fora da categoria “humana” criada pelo modo de vida ocidental, um modelo que deu muito certo para a manutenção do *status quo* hegemônico, mas muito errado para os que estão na base da pirâmide social. A rejeição enfrentada pelo Ensino das Artes nas escolas está longe de ser uma questão pedagógica, ou seja, não é porque não reprova, ou porque muitas vezes é entendida como recreação ou porque, em alguns casos, a nota não é medida apenas por uma avaliação objetiva. Esta rejeição atende a uma agenda política. É por razões políticas que professoras/es de Artes Visuais possuem menos tempo semanal com as/os estudantes, e é por questões também políticas que estamos perdendo nosso tempo e energia tentando nos adequar aos moldes metodológicos da educação forma, enquanto deixamos de investir em práticas artísticas que poderiam ser mais emancipatórias e expansivas.

Sabemos que as relações de trabalho, no geral, são bastante problemáticas e precisam ser revistas. Enquanto uma porcentagem muito pequena da população detém todo o sistema de produção e toda a riqueza, a maior parte da população produz essas riquezas as quais não consegue ter acesso. Talvez, operar uma mudança nesse sistema econômico seja possível — e só seja possível — através da mudança na visão que temos do papel da educação na sociedade, deixando de ser uma educação voltada para a produção de mão-de-obra, para ser uma educação que se propõe a formar pessoas autônomas e dotadas de pensamento crítico. Nossas/os estudantes são uma série de outras coisas para além de serem estudantes. Nosso público está cada dia mais difícil de conquistar, deixando sempre muito claro que a escola, da forma como ela é hoje, tem muito pouco a acrescentar para as suas vidas, e no tempo da pós-verdade, estamos tentando disputar um público que está cada vez mais convencido de que podem encontrar tudo o que precisam na internet, que possuem todo conhecimento necessário na palma de suas mãos. Em toda sala de professores, em toda reunião pedagógica, em vários artigos sobre pedagogia e em muitos conteúdos de redes sociais que tratam de vida escolar a pergunta persiste: “O que está acontecendo com as/os estudantes?” Muitos de nós acreditam ser um fenômeno causado pelo excesso de telas, outras/os atribuem a mudança no comportamento dos jovens à educação recebida em casa, mas talvez a resposta seja diminuir a distância entre a escola e a vida, construir escadas que liguem o espaço escolar à vida fora da escola. A verdade é que na maior parte do tempo damos aulas para pessoas que não conhecemos, no máximo sabemos seus nomes, mas não sabemos sobre o que gostam de fazer — ou aprender sobre — no intervalo de tempo que recebe a alcunha de “tempo livre”.

## REFERÊNCIAS

Aqui, numa coreografia de retornos, dançar é inscrever no tempo: publicação educativa da 35ª Bienal de São Paulo. org. Fundação Bienal de São Paulo. 1 ed. Bienal. São Paulo, 2023.

Arte para a educação / Educação para a arte. org. Luis Camnitzer, Gabriel Pérez-Barreiro ; tradução de Gabriela Petit ... [et al.]. - Fundação Bienal do Mercosul. Porto Alegre, 2009.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. A terra dá, a terra quer. Ubu Editora/ PISEAGRAMA. São Paulo, 2023.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. 56ª ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2023.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 76ª ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2023.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. 2 ed. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2017.

KRENAK, Ailton. A vida não é útil. pesquisa e organização: Rita Carelli. 1 ed. Companhia das Letras. São Paulo, 2020.

Lanchonete<>Lanchonete: Escola por vir. <https://www.lanchonetelanchonete.com/>, 30 jan. 2024. Disponível em: <https://www.lanchonetelanchonete.com/>. Acesso em: 30 jan. 2024.

MOSÉ, Viviane. Sobre o ataque a mais uma escola. *In*: Sobre o ataque a mais uma escola. Instagram, 5 abr. 2023. Transcrição de live realizada pela filósofa em sua conta na rede social Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/Cqq0hylOYSX/?igsh=MTgyeWk3eXdoZmZsYw==>. Acesso em: 27 jan. 2024.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. Como ser um educador antirracista. Planeta do Brasil, São Paulo, 2023.

RUFINO, Luiz. Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas. 1 ed. Mórula. Rio de Janeiro, 2023